

Os sentidos de inclusão na textualização do corpo na série *Atypical*

The meanings of inclusion in the body textualization in the Atypical series

Ediney Nunes de Oliveira¹
Universidade do Estado de Mato Grosso

Rosemeire Igreja Galvão²
Universidade do Estado de Mato Grosso

Sergilaine Fátima de Miranda Cebalho³
Universidade do Estado de Mato Grosso

Joelma Aparecida Bressanin⁴
Universidade do Estado de Mato Grosso

♦**RESUMO:** Neste artigo, refletimos sobre os sentidos de inclusão do sujeito com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nas duas primeiras temporadas da série *Atypical*, produzida pela *Netflix*. Analisamos o corpo do sujeito autista representado pelo personagem Sam Gardner como lugar de discursividade com o objetivo de pensar o corpo, enquanto lugar de enunciação em outras materialidades simbólicas: os movimentos aleatórios, as expressões corporais e as escritas desorganizadas. Pautamos nos dispositivos teóricos da Análise de Discurso para compreender o confronto entre o simbólico com o político, no funcionamento da materialidade da língua com a história como fator determinante da inclusão/exclusão na sociedade capitalista.

♦**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito com deficiência; inclusão/exclusão; autismo; Análise de discurso.

♦**ABSTRACT:** In this article, we reflect on the meanings of inclusion of the subject with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the first two seasons of the series *Atypical*, produced by *Netflix*. We analyze the body of the autistic subject represented by the character Sam Gardner as a place of discursivity with the objective of thinking, the body, as a place of enunciation in other symbolic materialities: random movements, body expressions and disorganized writings. We are guided by the theoretical devices of Discourse Analysis to understand the confrontation between the symbolic and the political, in the functioning of the materiality of language with history as a determining factor of inclusion/exclusion in capitalist society.

♦**KEYWORDS:** Subject with disability; inclusion/exclusion; autism; Discourse analysis.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora da Educação Básica. Membro do Projeto de pesquisa “A gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdades em discursividades contemporâneas”. E-mail: professoraediney@gmail.com

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora efetiva da Educação Básica. Membro do Projeto de pesquisa “A gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdades em discursividades contemporâneas”. E-mail: rosemeire.igreja@unemat.br

³ Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Membro do Projeto de pesquisa “A gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdades em discursividades contemporâneas”. E-mail: sergilaine19@gmail.com

⁴ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Curso de Letras e no Curso de Pós-graduação em Linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Cáceres. Coordenadora do grupo de pesquisa GEPELCO/CNPq e do Projeto de pesquisa “A gestão do social no/pelo Estado: os sentidos de (des)igualdades em discursividades contemporâneas”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT/2022-2024). E-mail: bressanin.joelma@unemat.br

Introdução

Segundo Pêcheux (2015), precursor da Análise de Discurso, é no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história, articulada no/pelo político, que se constituem os sujeitos e os sentidos do “mundo semanticamente normal”. Segundo o autor, a relação entre os universos logicamente estabilizados é uma unidade imaginária em que se ligam materialmente o inconsciente e a ideologia à revelia da (con)formação da forma-sujeito capitalista.

Destarte, mobilizar os dispositivos teóricos da Análise de Discurso, em nossa pesquisa, significa pensar a concepção normal e anormal, desterritorializando-a e reconhecendo a existência do “real” da cidade.

A territorialização do sujeito com a cidade tem sua regularidade sustentada pelo discurso jurídico que, legitimado em forma de lei, passa a administrar, pelo simbólico, as relações sociais. Na perspectiva discursiva o real está atrelado à ideia de que a língua(gem) não reflete simplesmente a realidade de forma transparente, mas, ao contrário, constrói e molda a realidade de acordo com os interesses (relações de poder) e contextos sociais (ideologia) e estigmatiza aquilo que o confronta, por exemplo, o corpo atípico. Sendo assim, discutir a linha tênue entre o jurídico e o social possibilita reconhecer a existência do “real” da cidade e significa, sobretudo, questionar o imaginário da cidade em relação à ordem (simbólico), à organização (planejamento empírico) do espaço social e ao sujeito submisso à normatização. Consequentemente, possibilita pensar o corpo como morada de discursividade em que: as palavras significam, os gestos, as falas embaralhadas, os movimentos e as letras desconexas do sujeito com deficiência também são formas que dizem da sua identidade (modos de subjetivação).

Esse lugar de invisibilidade é constitutivo da história da deficiência, que sempre conviveu com a exclusão e com a estigmatização, por não se “enquadrar” no molde do “mundo semanticamente normal”. Que eminentemente dadas as configurações da forma-sujeito (Idade Antiga, Idade Média e Idade Moderna), ainda não escapa à determinação histórica, apesar do amontoado de discursividade a favor da inclusão (Políticas públicas), uma vez que os seus desdobramentos são contraditórios. Embora abram janelas para a reflexão sobre a inclusão de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não se abrem espaços para incluir a individualidade, seus modos de significar, pois o corpo é infenso à ideologia.

Sendo assim, direcionamos nosso olhar analítico à série *Atypical*, no batimento da descrição e interpretação, através da intersecção entre a linguagem verbal e visual, que refletem a perspectiva única de mundo, enfatizando a experiência sensorial por meio do personagem Sam Gardner, nosso recorte de análise. O discurso clínico do médico, do terapeuta psicológico e do grupo de apoio vão construindo olhares possíveis sobre o corpo desse sujeito, ponto crucial de interpretação, pois ao passar pelo diagnóstico do autismo, o corpo biológico ganha contornos historicamente constituídos pela falta e legitimados como algo que falha.

A palavra autismo vem do grego *autós*, que significa ‘de si mesmo’, utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra Bleuler no início do século XX (Schwartzman, 1918, *apud* Leal e Leal, 2023, p. 12). Apontado pela Organização Internacional de Saúde Mentais como Transtornos Globais de Desenvolvimento das habilidades nas áreas da imaginação, socialização e de comunicação chamada tríade de *Wing*, ou seja, o sujeito com TEA apresenta uma certa limitação na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento restrito, repetitivo ou hiperfoco.

No mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), acredita-se haver mais de 70 milhões de pessoas com autismo, sintoma que afeta a maneira como esses

indivíduos se comunicam e interagem. Segundo as pesquisas realizadas em 2014, pelo *Center for Disease Control and Prevention*, a incidência em meninos é maior, tendo uma relação de quatro meninos para uma menina com autismo.

Desta forma, o TEA representa um grande impacto à saúde pública, que viabiliza a elaboração de políticas públicas para desenvolver estratégias e projetos na área da saúde e da educação que incluam esses sujeitos no contexto social.

Sendo assim, a ONU, desde 2006, vem destacando esse tema na discussão da convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, incluindo disposições que abrangem as pessoas com autismo, como o direito à igualdade e o combate à discriminação no mundo. E, no ano de 2007, foi instituído mundialmente o dia 02 de abril para celebrar o Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, com o objetivo de promover conhecimento sobre o espectro autista, bem como enfatizar as necessidades e os direitos das pessoas com autismo.

Observamos que os estudos sobre autismo passam a ser alvo das pesquisas e interesse precocemente, sob as lentes do modelo social, o que nos fez/faz observar a produção de sentidos e os processos de identificação de sujeitos. Retomamos Orlandi (2012), que nos ajuda compreender que essas (re)configurações partem da forma atual de relação do Estado (ou a sua falta de relação), o que a autora denomina de “tópica cívica”, ou seja, “o lugar em que se cruzam as determinações históricas, sociais e políticas que constituem o sujeito nos sentidos que lhe são atribuídos pelo sistema capitalista no que se chama cidadania” (p. 226).

Com isso o autismo passa a ser visto como lugar que necessita de uma administração normatizada, mas isso não significa que este espaço simbólico de constituição do sujeito e dos sentidos seja a permissão das suas distintas formas de re-existir. Mas a manifestação das formas ideológicas que regem o imaginário cidadão, sendo a primeira, a utopia da completude (a sociedade como um todo organizado e coeso) e a segunda, considerando a perspectiva neoliberal, o fato de que a reciprocidade, a solidariedade cedem lugar a uma funcionalidade, ou seja, a uma (con)formação a forma sujeito-histórico.

Essa (con)formação está agenciada a favor do funcionamento da ideologia, pois a forma sujeito histórica tem sua materialidade atrelada ao corpo e suas formas de significar. Isto é, a ideologia é uma prática e esta prática envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito. O corpo significa, textualiza, interpreta e, sobretudo, é interpretado.

Esse agenciamento se desenvolve pela relação do político com o corpo da linguagem e com o corpo do sujeito, em que ambos são atravessados de discursividade, produzindo “efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente” (Orlandi, 2012, p. 92). Dito de outro modo, o corpo passa a identificar o sujeito pelas habilidades sociais ou a falta delas, assim como o próprio sujeito é identificado pelo corpo, sob o efeito imaginário social que o define.

Para entendermos como se dá esse funcionamento, na atual conjuntura, selecionamos como objeto de análise a série *Atypical* para compreender o confronto entre o simbólico com o político, no funcionamento da materialidade da língua com a história, como fator determinante da inclusão/exclusão na sociedade capitalista. Tomamos esse movimento como textualização, na imbricação verbo-visual, assim como falas, expressões, movimentos corporais e entornos representados pelas conformidades sociais, que determinam as condições da inclusão do sujeito atípico. Podemos adiantar que essas condições impedem o sujeito de significar naquilo que ele tem de constitutivo, a diferença.

Para Lagazzi (2009), observar a imbricação material significativa requer pensar em sua composição, no conjunto da materialidade em análise, e não se trata de analisar cada materialidade separadamente, imagem, fala e expressão corporal, mas uma no entremeio da

outra, assim como a constituição da teoria da Análise de Discurso, teoria de entremeio - Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise - sendo que uma não transpõe a outra. Partindo desse princípio, o sujeito é produzido no encontro dessas materialidades que movimentam a série, estabiliza os sentidos para e nesse sujeito que se sente significado, conforme a sociedade o vê, através das instituições como família, escola e das atividades como trabalho e lazer. Como princípios norteadores desse gesto de análise, tomados por diferentes materialidades significantes, questionamos: como o corpo, materialidade do sujeito, se significa e é significado na e pela série *Atypical*? Quais os efeitos de sentido são produzidos sobre o sujeito com espectro do autismo? Em que medida há deslocamentos de sentido, e/ou manutenção do imaginário social a respeito da inclusão?

Um olhar sobre o corpo do sujeito atípico na produção da série

O material que fundamenta a presente análise consiste de cenas recortadas da série *Atypical*, comédia-drama norte-americana criada por Rubia Rashid, escritora e produtora estadunidense. A série foi criada para o *streaming Netflix*, em 2017, ano em que foi lançada a primeira temporada com oito episódios. No ano seguinte (2018), a segunda temporada teve dez episódios. Atualmente, apresenta quatro temporadas, sendo a terceira de 2019 e a quarta de 2021. Nosso recorte, neste artigo, será apenas as duas primeiras temporadas, que trazem o personagem com dezoito anos, entrelaçando, durante a narrativa seriada, *flashback* da sua infância, retomado através de imagens, de relatos familiares refletidos nas expressões corporais e na fala do próprio personagem considerado “atípico”.

Exemplo desse processo é a cena em que Sam Gardner (interpretado pelo ator Keir Gilchrist), personagem principal, foi diagnosticado com espectro do autismo aos quatro anos de idade, diagnóstico que é relatado a partir de imagens da infância de Sam Gardner e na voz de Elsa (a mãe do personagem) no grupo de apoio de mães de indivíduos com tal espectro.

Reiteramos que nosso objetivo é observar os modos de textualização do corpo. O corpo, matéria significativa, já esculpido pelo espectro, reincidido no desenrolar dos episódios, na convivência familiar, nos conflitos internos em jogo, o que a família e a sociedade projetam dele/nele. Sujeito inscrito na discursividade dominante tanto pelas instituições como pela determinação histórica, o próprio personagem se vê nessa projeção e parte em busca da “normalidade”, o sonho de ter uma namorada, definir o caminho universitário a seguir, pois Sam Gardner se encontra com dezoito anos, no final do ensino médio. Os sentidos cristalizados, atravessados pelo discurso de inclusão, movimentam a série como a busca da independência do personagem.

Vemos em funcionamento o trabalho da ideologia, de apresentar um sujeito atípico dentro do discurso da meritocracia, em que visa enfatizar o olhar capacitista à superação da falta, a qual é constitutiva, colocando em funcionamento o sentido histórico ideológico estruturante do sistema capitalista contemporâneo. Esta forma é a do sujeito jurídico, calcado e regido sob a ótica do protagonismo, infere a este sujeito ao modo de individu(aliz)ação, ou seja, ele passa a ser ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade, com direitos e deveres e direito de ir e vir.

Contudo, vale destacar que o protagonista da série, Sam Gardner, é interpretado por Keir Gilchrist, um ator neurotípico considerado normal, ou seja, não apresenta problemas de desenvolvimento neurológico e não possui diagnóstico do TEA. Embora a produção fílmica seja de grande significância, não esconde o caráter excludente e a reprodução capacitista no universo cinematográfico. Fala-se sobre a inclusão de pessoas com deficiência, mas ao mesmo tempo inviabiliza a sua forma de significar.

Tem-se, então, o discurso *sobre* o deficiente, mas não o discurso *do* sujeito diagnosticado com TEA. Dito de outra maneira, o discurso *sobre*, nesse caso, revela o discurso estereotipado, funciona a partir da recuperação de uma memória institucionalizada dos sentidos. E, é nesse lugar de interpretação (representação) que o político apaga as diferenças e reforça o engodo do funcionamento imaginário da igualdade, sobretudo, evidencia o caráter nefasto da (des)igualdade e da segregação.

No primeiro episódio, temos a apresentação de Sam Gardner, o protagonista com/do autismo. Através das interações verbais e não verbais, observamos como a série constrói sua identidade como um sujeito com o/no espectro do autismo. A linguagem verbal é utilizada para refletir sua perspectiva única do mundo, com diálogos que revelam suas dificuldades em entender sarcasmo, ironia e expressões idiomáticas. A linguagem visual enfatiza sua experiência sensorial, com close-ups em suas expressões faciais e reações aos estímulos.

De modo geral, a série centraliza no tema do espectro do autista por ter Sam Gardner como personagem principal, o espectro se desenvolve de uma forma bem individualizada, articulado às ações do personagem. A narrativa seriada é constituída a partir de cenas que focam nas linguagens do corpo dando evidência ao espectro, sendo as expressões faciais, o movimento do corpo e as falas do personagem Sam Gardner, que movimentam os episódios na busca de superação dos conflitos internos em jogo com a exterioridade, além do convívio familiar, nos espaços sociais como a escola, o trabalho e os ambientes de lazer.

As cenas se centralizam no corpo, no processo de inclusão refletido pelo entorno que despertou nossa atenção. Toda essa intersecção material se inscreve em discursos que dão visibilidade às formas de (dis)simulação de inclusão desse sujeito, produzem significados, o sentido de ter o espectro do autismo na sociedade, isso o torna diferente. Dessa forma, compreendemos que na série *Atypical* há discursos materializados, corpo e sujeito, a partir de então, torna-se um corpo social, a matéria significante que movimenta sentidos na estrutura histórica-social - a definição da identidade do sujeito e o discurso em que ele deve se inscrever para vir a ser sujeito, incluído socialmente. Notamos que é nesse processo de assujeitamento que o discurso da inclusão e exclusão trabalha, processo no qual o sujeito com autismo pode vir a se identificar ou não.

A série atualiza a memória de inclusão por meio da constituição e formulação através do corpo, da fala, dos gestos/expressões e do entorno – os espaços nos quais as cenas ocorrem, há o jogo de aceitação e adaptação, normalidade e anormalidade presentes o tempo todo. Nessa tensão em que se constitui o sujeito afetado pela história, podemos observar os desafios enfrentados pelo personagem Sam Gardner ao tentar se relacionar com seus colegas na escola e as estratégias que ele utiliza para se adaptar a diferentes situações sociais. A série também retrata a importância da comunicação clara e da compreensão mútua, tanto por parte do personagem principal quanto por parte de seus amigos e familiares.

Como nosso objetivo principal é refletir sobre a discursividade da inclusão presente na série, observamos que os sentidos instauram para o corpo do sujeito atípico um processo de objetivação tal, no sentido mais radical do termo, que a nosso ver, acaba por retificá-lo, coisificá-lo e interdita-lo. Nessa direção, concordamos com Martins e Silva (2011) quando afirma: “na organização dos discursos socialmente produzidos, ele (sujeito com deficiência) não existe como lugar de enunciação, ele não é um locutor autorizado” (p. 307).

Lembrando, também, que para nosso trabalho de análise, tomamos o corpo como materialidade significante na confluência com o verbal, pois “o dispositivo teórico-analítico discursivo apresenta as condições necessárias para a prática analítica de objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes” (Lagazzi, 2017, p. 67-68). Ademais, de acordo com Orlandi (2017), o corpo não pode ser pensado despreendido da materialidade do sujeito.

Na perspectiva da Análise de Discurso, o indivíduo é interpelado pela ideologia em sujeito, produzindo o assujeitamento dada a conjuntura sócio-histórica predominante. No segundo movimento, ocorre a individua(liz)ação histórica, a inserção do sujeito nas relações sociais (história e cultura), como vimos na série, são relações regidas por instituições como a família, a escola, o trabalho (empresa).

Observamos nas formulações verbais e visuais que o sujeito e o seu entorno constituem de modos diferentes. Isso nos levou a paráfrase, corpo e inclusão, ou, corpo e exclusão. Lagazzi (2015) ressalta que o procedimento parafrástico coloca a estrutura em jogo com a história no processo de descrição e interpretação, evidenciando os sentidos. Para Orlandi (2020, p. 34), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. Ainda sobre o uso da paráfrase, podemos observar, conforme Costa (2014, p. 106), que “[...] os sentidos que se mantêm na base do dizível.”

Nessa direção, ao tratar do sujeito-personagem com o espectro do autista a série movimenta o trabalho do simbólico, do histórico e do ideológico. Lembrando que a ideologia não é entendida como ocultação da realidade, ou conjunto de valores, mas como mecanismos estruturantes no processo de significação desse sujeito-personagem. A imagem reflete o sujeito que através dos gestos, expressões e fala, inscreve-o no simbólico, produzindo sentidos, no qual a história e a cultura intervêm, regido pelo ideológico que dá direção aos sentidos, ou determina as formas de significação. O jogo tenso entre normal e anormal vivido/questionado pelo personagem Sam Gardner, evidencia o funcionamento da ideologia na relação imaginária do sujeito com suas condições materiais de existência.

Ao tratar do entorno que constitui o sujeito, recorreremos a Althusser (1992), ao se referir aos aparelhos ideológicos de estado, como aparelhos que mantêm a regularidade, no caso da série, a família, a escola e o trabalho (empresa), ou seja, nesses espaços, o personagem projeta as falas, comportamentos, desejos, e também é projetado a um imaginário de sujeito. O personagem Sam Gardner observa o comportamento no entorno e, num caderno, uma espécie de diário, ele registra falas e comportamentos sociais para suas “práxis identificadoras” (Orlandi, 2014, p. 36). Nessas relações, materializa o sujeito na movimentação constitutiva do processo identitário, afetado pelo imaginário social, ou a imagem que se faz na sociedade de uma pessoa com espectro do autismo. De acordo com Orlandi (2014, p. 34), as formações imaginárias funcionam na hierarquização das relações de forças e de sentido, constituindo as condições de produção na divisão dos sujeitos na sociedade e nos processos de suas identidades.

Diante do exposto, tomamos as duas temporadas da série como uma unidade, a textualidade vai se compondo nas formulações verbais e formulações visuais da imagem do corpo do personagem Sam Gardner. Para Orlandi (2017, p. 25), textualidade “é a relação do texto consigo mesmo e com sua exterioridade”. Dessa forma, na série há o trajeto do personagem da infância aos dezoito anos, fase em que se dá a conclusão do ensino médio, a busca por uma namorada, o interesse pela faculdade, bem como a necessidade de se manter no trabalho e praticar a sociabilidade. Nesse percurso, as lembranças entrecruzam com os vividos pelo personagem, a imagem do corpo, a formulação verbal que movimenta “na incompletude e na falha” marcando o trajeto de memória que constitui o sujeito com o espectro do autismo. Ressaltando que a memória em relação ao discurso se relaciona ao interdiscurso, que de acordo com Orlandi (2017, p. 24), refere-se a “algo que fala antes, em outro lugar e independentemente”. Sendo a memória discursiva o entrecruzamento de vários discursos que ganham sentidos conforme a relação definida pela ideologia na conjuntura dada.

O trajeto das formulações visuais vai mostrando o corpo tenso, curvado, em silêncio, na solidão, em conflito consigo mesmo e em relação ao social que ecoa um corpo fora do

lugar, memória do sentido de exclusão. Por outro lado, o sujeito busca compreender como se dá essa estabilização no imaginário social, esse já estabilizado pela sociedade que sustenta as formações discursivas em jogo. Para Orlandi (2017, p. 20), “as formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas”. E pelo discurso que o homem relaciona com o mundo natural e social regido pelos mecanismos ideológicos.

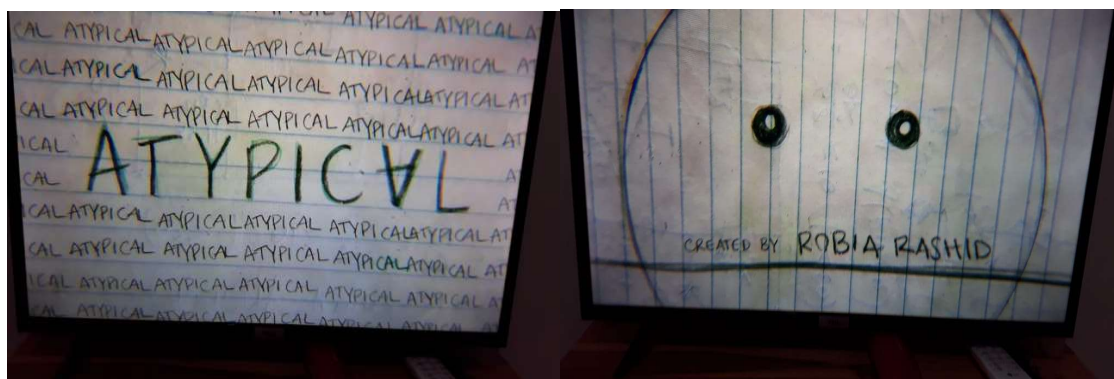
Vejamos, a seguir, como se dá esse funcionamento enunciativo, através das regularidades das imagens presentificadas na série.

Cenas em movimento interpretativo

Observamos que as cenas imagéticas da série são elencadas como narratividades discursivas de inclusão, produzindo o efeito de inserção/aceitação dos modos de significar do sujeito autista, sob a égide da ideologia, articulada pelo político para homogeneização do espaço e dos sujeitos. E, nessa direção, recortamos algumas imagens, agrupando-as em movimentos interpretativos que vão evidenciando a projeção do corpo e dando sentido ao sujeito e ao processo de “inclusão”.

Salientamos que na perspectiva da Análise de Discurso, não há relação direta entre palavra e coisa (essa impressão é uma ilusão referencial), mas construções discursivas que articuladas no/pelo político simbolizam as relações de poder, promovendo a divisão dos sujeitos (típico ou atípico) e dos sentidos (lógicos e ilógicos).

Recorte 1 – Abertura da temporada da série



Fonte: *Print Screen* da série *Atypical*

Na primeira imagem, o título “ATYPICAL” apresenta a penúltima letra/símbolo “A” de forma inversa “V”. Esse símbolo é conhecido como quantificador universal e na linguagem dos matemáticos representa a ideia de “para todo”, ou seja, é usado para indicar que determinada proposição é verdadeira para todos os elementos de um conjunto. Nesse contexto, o quantificador existencial sobre um símbolo de função poderia ser interpretado como um modificador “existe uma função”. Nessa formulação discursiva, o “V” estabelece a relação entre a materialidade significativa e a história que produz uma rede de sentido para compreender como o sujeito com autismo significa em um outro lugar simbólico aquém do “universal \forall ” (para todos). Esse movimento de inversão da letra “A” resulta nas projeções de imagem de sua subjetividade: letra espelhada, gestos dessincronizados e desorientação espacial. Efeito esse que distancia das inferências das finitas combinações dos símbolos/letras primitivas (combinações estas formadas a partir de axiomas em concordância com as regras estabelecidas).

Pensando ainda, mesmo que brevemente, no sentido da palavra *Atypical*, que em inglês, segundo o dicionário on-line *Linguee*, significa atípico, incomum, enquanto que em português, encontramos outras definições para atípico como diferente, neurodivergente. Assim, tanto a posição da letra *A* (inversa) quanto o próprio título textualizam a diferença e dão a entender que sendo diferente, faz-se necessário incluir, naturalizando, apagando a opacidade dos sentidos. A letra “A” invertida e o próprio título da série nos sugerem que pessoas com autismo são diferentes, mesmo que essa diferença seja natural e inevitável, leva a uma visão estereotipada do sujeito com autismo, que são vistos como pessoas que não se encaixam no mundo.

Segundo Martins e Silva (2011), falar do/sobre os modos de significar do deficiente são práticas desafiantes, pois confronta o mundo semanticamente uniforme da sociedade (normal e disciplinado), o corpo que significa, resiste fora do lugar que lhes é destinado. Ele é “dono e senhor” do espaço, dele constitutivo e por ele constituído. Ele rompe com o estabilizado, não é passível de administração. Por isso a dificuldade de compreensão de todas as suas excentricidades e suas diferentes formas de textualização, pois ele (o corpo) é o espaço da/na sua interpretação, e é nesta materialidade singular que se confrontam o simbólico e o político. Corpo móvel, livre, leve, ágil, paradoxal – um corpo discursivo, que lhe permite formas de subjetivação inaugurais/reais.

Por conseguinte, na segunda imagem, temos o desenho do rosto (com boca reta e os olhos sem nenhuma expressão visível) que faz alusão ao “emoji⁵ □”, que apesar de o nome ser “cara sem expressão”, apresenta o efeito de impaciência ou irritação. E, relacionando essa textualização à memória discursiva do digital, podemos inferir um gesto de ausência da comunicação/ou expressividade do corpo deficiente - materialidade da posição-sujeito-diferente inscrito no discurso do diagnóstico do TEA -, ou seja, o significar-se através da sua materialidade corpórea que não é a verbal.

Sendo assim, compreendemos que há na (re)produção dos sentidos um efeito metafórico que movimenta a interpretação a partir da paráfrase do corpo do personagem. Segundo Lagazzi:

Ao movimentar a interpretação num exercício de reformulações, o procedimento parafrástico vai atualizando o efeito metafórico, definindo limites de sentidos e dando visibilidade ao processo discursivo por meio de regularidades que vão localizando recortes na memória do dizer, especificando as formações discursivas e as posições sujeitos em jogo (2015, p. 181).

Observamos que as cenas vão projetando o personagem em sua especificidade. O equívoco no jogo de sentidos entre igual e diferente, a dificuldade de comunicação pelo sujeito com espectro do autismo, a projeção social a respeito desse sujeito, conforme os sentidos delineados. Na perspectiva discursiva, o equívoco não é um problema do discurso, nem ambiguidade, ele é constitutivo do discurso, produz uma falha que leva a produção de sentidos outros. As imagens nos direcionam ao pré-construído socialmente, definido por dois aspectos: a) o sujeito diferente e b) o que o torna diferente. Desse modo, o telespectador é exposto às evidências da necessidade do sujeito com transtorno de neurodesenvolvimento em processos de inclusão, mostrando a diferença e não colocando em questões formas de inclusão do sujeito enquanto sujeito diferente. Lembrando que essas imagens não se complementam, mas se relacionam.

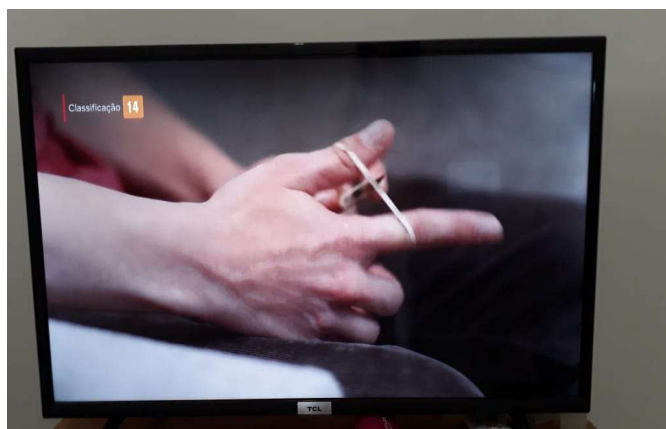
⁵ No contexto digital o “emoji” são representações gráficas usadas em aplicativos e significa pela inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais, o qual adiciona significado e emoções às nossas palavras, podendo substituir eminentemente mensagens curtas.

O corpo como objeto simbólico

Segundo Martins e Silva (2011, p. 307), “o corpo é impregnado de sentido, é morada de discursividade, verdadeira caixa de Pandora”. Deste modo, pensar no corpo do sujeito com autismo, significa pensar na forma histórica e simbólica-ideológica, enquanto lugar coextensivo da materialidade do espaço. Isto é, lugar constituído politicamente, articulado pelo simbólico (ordem) com a ideologia (organização), a partir das determinações histórico-capitalistas. E o imaginário que se constrói sobre ele delimita o modo de (se) significar, sobretudo, faz-nos enxergar o quanto somos disciplinados e forçados à normalização.

A sequência de produções imagéticas, a seguir, espacializa as diferentes formas de significar do personagem Sam Gardner, na representação das estereotípias do sujeito com autismo. Gestos vistos de forma (in)diferente, mas que funcionam como resistência.

Recorte 2 - Temporada 1 – episódio 1



Fonte: *Print Screen* da série *Atypical*

Na intersecção entre o verbal e o visual, a câmera centraliza no movimento autoestimulante das mãos, o bater de uma caneta em um elástico, o corpo neutro. Trata-se do personagem Sam Gardner em uma sessão de terapia. Nessa cena, ao enunciar “Eu sou esquisito. É o que todo mundo diz [...]”, o sujeito reproduz o já dito, incorporando-o em sua identificação, que nos leva a pensar a forma histórica de assujeitamento, o processo de identificação do sujeito individuado pelas instituições, a relação do corpo/linguagem com as condições de inclusão para que o sujeito se realize. “Práxis identificadora. O sujeito definindo seu corpo a partir da existência” (Orlandi, 2014, p. 36). O sujeito interpreta seu corpo a partir do imaginário social que já o identificou como diferente.

Sendo assim, no recorte 2, o fato de o sujeito estar batendo uma caneta em um elástico produz um ato repetitivo e mecânico, nos remete à metáfora do discurso produzido pela sociedade, que muitas vezes o repetitivo reitera as formas de dominação existentes, ou seja, é a reprodução do já dito, é uma metáfora do processo de identificação do sujeito, que é obrigado a reproduzir as formas de pensamento e de ação que são dominantes na sociedade.

O discurso produzido em um corpo neutro nos remete à metáfora do apagamento das diferenças na sociedade. O corpo neutro representa a ausência de marcas de identidade, é uma forma de homogeneização. Ademais, essa metáfora é uma forma de violência simbólica. O sujeito é levado a silenciar suas diferenças, a fim de se adequar à norma.

O corpo com movimentos repetitivos, visto como corpo estranho, movimento configurado com a dificuldade de expressões, de expor suas vontades, estas consideradas neutras pelo diagnóstico que o subjetiva. A tensão entre normalidade e anormalidade toma

conta da cena. O sujeito se constitui pelo modo como é significado na sociedade. Vejamos, a seguir, outras cenas em que reincidem a anormalidade:

Recorte 3 - Temporada 2 – episódio 1



Fonte: *Print Screen* da série *Atypical*

Observamos, no recorte 3, o retorno dos movimentos de infância, (re)afirmando aspectos que o caracteriza como atípico. Nesse movimento, a câmera aproxima, os detalhes são evidenciados e, ao mesmo tempo, naturalizados, ao passo que essas cenas dão a entender que o sujeito entra em conflito interno, como podemos notar na semelhança entre as imagens em que o personagem puxa os cabelos; sendo a primeira cena uma retomada da sua infância, quando ele tinha 4 anos, e a segunda, situa-o no momento presente, já adolescente, reproduzindo o comportamento ritualístico. Visto como estranho, sente-se esquisito, responsabilizado por buscas de alternativas de inclusão social, para tanto, faz-se necessário uma adequação ou uma mudança de comportamentos tidos como normais para ser aceito na sociedade.

Ao longo das duas primeiras temporadas da série, vimos o movimento tenso do sujeito marcado por aspectos que o caracterizam como diferente. Esse processo de identificação do sujeito acontece “sob a injunção do imaginário social que já o significa e a seu corpo” (Orlandi, 2014, p. 36).

A focalização da câmera no corpo que traz as marcas do espectro, colocando o telespectador e o personagem diante de sentidos, a tensão entre igual e diferente, o jogo equívoco dos corpos e sentidos, que se volta à estabilização dos sentidos já construídos, estes estabelecidos socialmente, em conformidade com Costa (2014), essas são relações de sentido atravessadas pelo ideológico e divididas pelo político.

Vejamos outras imagens do corpo - elemento discursivo - que produzem a significação:

Recorte 5 – Temporada 1 – episódio 1



Fonte: *Print Screen* da série *Atypical*

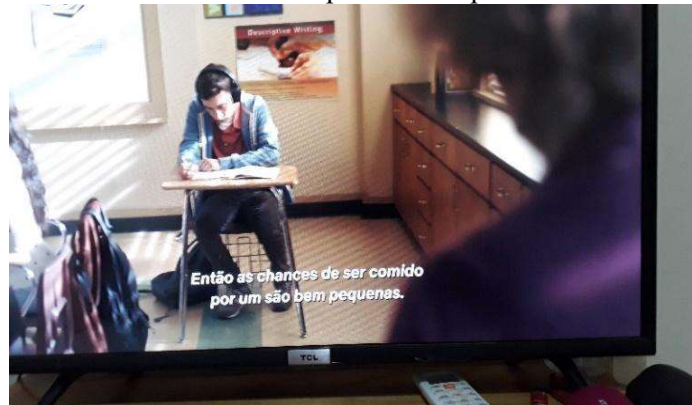
No recorte 5, a cena projeta o personagem Sam Gardner adentrando ao colégio como estudante do final da educação básica, com desejos e expectativas a serem conquistadas. Notamos os elementos visuais como o corpo meio inclinado para frente, os fones bloqueadores de ruídos na cabeça, o moletom de capuz, este usado como proteção para os momentos de crises e a mochila escolar nas costas. Nesse cenário, é a inserção do sujeito com autismo na escola que produz o efeito de pertencimento, ou melhor, é o que leva à projeção da sua inclusão.

A cena traz Sam Gardner, em um monólogo, que tende à invisibilidade de sua patologia, enquadrada pelo diagnóstico, mantendo-o alheio, isolado do universo ao seu redor. Essa cadeia de significação constitui o modo de significar do sujeito com autismo na sociedade e, leva-o a se identificar como “esquisito”. Pelo viés discursivo, a identidade do sujeito é o resultado da identificação. As cenas vão se encadeando na tensão, colocando o telespectador na expectativa da possibilidade do sentido outro, no entanto, o verbal retoma o já dito, e apaga os modos de representatividade do sujeito com autismo, quando o personagem, ao descrever que em sua escola há “muitas garotas”, tomado pelo desejo de ter uma namorada, enuncia: “[...] mas elas nem notam minha presença”.

No contraste da imagem, ainda no recorte 05, apregoam uma inclusão de superfície horizontalizada, evidenciando a forma de organização dos discursos produzidos pela sociedade e legitimados pelas instituições, ressoando um modo de discursivização do político que silencia o real da cidade, realçando a segregação e exclusão dos diferentes. Lugares estes que nem sempre são entendíveis (limitação na comunicação social, comportamento restrito e repetitivo), mas são certamente sensíveis (e têm sentidos).

Vejamos mais uma cena na escola:

Recorte 6 – Temporada 2 – episódio 3



Fonte: *Print Screen* da série *Atypical*

No recorte 06, observamos o personagem protagonista dentro da sala de aula. Nesta cena, a sua professora instrui um trabalho colaborativo em sala de aula. Rapidamente a turma começa a organização das equipes. Os ruídos das carteiras em atrito com o solo. Os colegas dialogam em voz alta sobre a escolha dos integrantes de seus grupos. E Sam Gardner, neste momento, permanece como os fones bloqueadores de sons nos ouvidos, no canto da sala, quando é surpreendido pela docente solicitando a sua inte(g)ração na atividade. Mas não tendo uma reciprocidade na comunicação, a professora decide retirar os fones dele. Nessa ação, a sua hipersensibilidade auditiva é ativada e ele sai correndo da sala de aula.

Assim, pensando no processo de inclusão, Costa (2014) ressalta que na sociedade capitalista dividida, hierarquizada pela simbolização das relações de poder, não há lugar para o diferente. O discurso de igualdade produz efeito de sentido de exclusão, ilusão de inclusão, em que todos têm oportunidades iguais, cabendo ao sujeito aproveitá-las. A sociedade e o Estado são estruturados pela falha que produz a falta, onde o sujeito é segregado ou resiste, conforme as condições dadas, e no caso da série *Atypical*, vemos o efeito de exclusão.

Por meio de nossas análises, compreendemos que as formulações verbais e visuais capturam o olhar do telespectador, reafirmando a necessidade do sujeito pragmático de homogeneidade lógica. Movimento que para Pêcheux (2015), no Estado democrático, é legitimado como sistema organizador em nossa sociedade e, as suas instituições, a escola principalmente, formulam essas demandas. No entrecruzamento das imagens 5 e 6 em cena, com o imbricamento da linguagem verbal e visual, Sam Gardner é identificado (e se identifica) por meio das projeções imaginárias como sujeito-diferente, responsabilizado a criar alternativas de inte(g)ração no espaço escolar. A formação discursiva na qual o sujeito (personagem) está inscrito/identificado é instituída por uma rede de sentidos e significados já inscrita na formação social. Ampliando os laços sociais da performatividade da igualdade, porém a inclusão torna-se parâmetro para normais e diferentes, no caso do autismo, o que dissimuladamente induz um novo pensamento, que evidencia a manobra do político para evitar a resistência. E, o sujeito assume a responsabilidade e é responsabilizado pela falta que lhe é constitutiva.

Considerações finais

Os episódios da série *Atypical* nos enlaçam no trajeto da projeção do político no social à face da individualização do sujeito autista à forma-sujeito capitalista. Compreendemos como condições para que o sujeito diferente se individualize, pelas instituições representadas pela família e escola, que esse sujeito ocupe uma posição-sujeito

na sociedade de igualdade para todos, levando-o a se projetar nela. A textualização da palavra “independência” reporta-nos ao ato de responsabilizá-lo pelo processo de sua inclusão na narratividade da série.

Pelo viés discursivo foi possível perceber a produção da significação para além da ficção nos processos de inclusão. O indivíduo interpelado em sua materialidade (corpo) pela ideologia, naturaliza o sentido de sujeito-diferente simbolizado pelo corpo. Sujeito-histórico, já constituído, passa pela individualização, a sua relação com o social (a forma de sujeito de direito e deveres). Nessa inserção do sujeito-diferente no social, há as formações imaginárias, as imagens que se faz do diferente (sujeito com o espectro do autismo), as relações de forças (que atribuem valores), relações de sentido e efeito da memória discursiva, relacionando dizeres ditos, não ditos, já ditos que retornam sob a forma de pré-construídos. De acordo com Orlandi (2012, p. 09) “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”.

O corpo simbolizado diferente, em foco pelos detalhes das expressões ou a falta delas, é incluído no social na tensão entre normal e anormal focalizada nas cenas do cotidiano do personagem, no ambiente familiar, na escola e no convívio social - iguais e diferentes. Pela textualização de enunciados como “às vezes eu queria ser normal” relacionam-se as imagens do corpo em busca de adaptar-se ao que é posto como normalidade, assim como tomar notas do que deve ser dito para conquistar seus desejos, sonhos, o treinamento das expressões faciais, tudo isso produz efeito de sentido de que a inclusão, ou a exclusão, é de responsabilidade do sujeito-diferente (sujeito de direito e deveres). Para compreender o discurso de inclusão, segundo Orlandi (2015, p. 189), é necessário compreender a estrutura da sociedade capitalista, as relações sociais dissimétricas, a sociedade é dividida e hierarquizada, afetada pelos valores que significam relações de poder simbolizados.

Diante do exposto, consideramos que a série atualiza a memória discursiva do sujeito diferente e trabalha o processo de inclusão na contradição, mantendo a segregação (preconceito). Para Costa (2014, p. 134), “a inclusão se estabelece por uma relação condicional que faz com que o sujeito afetado pela ilusão da inclusão, no processo de individualização, identificado como excluído e que busque, almeje, se responsabilize pela própria inclusão”. Notamos que o foco discursivo da série apresenta as necessidades de inclusão, integração e aceitação como evidentes, não trazendo para a discussão o sujeito enquanto diferente no processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- COSTA, G. C. *Discursividade de Inclusão e a Manutenção da exclusão*. In.: FERREIRA, E. L. ORLANDI, E. P. (orgs.) *Discursos sobre a inclusão*. Niterói: Intertexto, 2014.
- LAGAZZI, S. M. *Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco*. In: Giovanna Flores; Nádia Neckel; Solange Gallo. (Org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas: Pontes, 2015, p. 177-189.
- LAGAZZI, S. *O recorte significante na memória*. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (orgs.). *O discurso na contemporaneidade. Materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 67-78.

MARTINS E SILVA, V. Gesto de espacialização: um modo de formular sentidos. In: DI RENZO, A. e MOTTA, A. L. A. (orgs.) *Linguagem, história & memória: discurso em movimento*. Campinas, SP: Unicamp, Pontes Editores, 2011.

LEAL, M. R.; LEAL, D. R. Políticas públicas para pessoas com transtorno do espectro autista no estado do Piauí. In: ARAÚJO, R. D.; LEAL, D. R.; MARQUES, M. A. N. (orgs.) *Temas em educação: processos educativos em contextos contemporâneos*. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2023, p.10-21.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.) *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 13-35.

ORLANDI, E. P. Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa. *RUA*, Campinas, SP, v. 21, n. 2, 2015, p. 187–206. DOI: Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article>. Acesso em: 9 mai. 2022.

ORLANDI, Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as minorias? In: ORLANDI, E. P. (org.). *Linguagem, sociedade, políticas*. Pouso Alegre: Univás, Campinas, SP: RG Editores, 2014, p. 29-38.

ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP, Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Recebido em: outubro de 2023.

Aprovado em: dezembro de 2023.

Como citar este trabalho:

OLIVEIRA, E. N. de; GALVÃO, R. I.; CEBALHO, S. F. de M.; BRESSANIN, J. A. Os sentidos de inclusão na textualização do corpo na série *Atypical*. **Traços de Linguagem**, v. 7, n. 2, 26-39, 2023.
